

STEENBERGHEN, F. VAN. **O Tomismo**. [Tradução e Prefácio de J.M. da Cruz Pontes]. Lisboa: Gradiva Publicações, 1990, 180 pgs.

por *Paulo Faitanin*

F. Van Steenberghen [1904, Saint-Josse-ten-Noode - 1993, Leuven) é filósofo católico belga, Doutor em Filosofia em 1923 pela Universidade de Louvain. Principal colaborador de M. de Wulf e ditor da coleção *Philosophes Médiévaux*. Professor em 1950 do Institute of Mediaeval Studies de Toronto. Dedicou-se a três grandes pensadores: Aristóteles, tendo dedicado ao tema o célebre livro *Aristote en Occident. Les origines de l'aristotélisme parisien*, de 1946; Sigério de Brabant, tendo dedicado a este excelentes estudos, sendo uma obra de referência, com o título *Sigr de Brabante d'après ses oeuvres inédites*, editados em 1931 e 1942 e a Tomás de Aquino, com a obra *Le Thomisme*, publicada em 1983. É um neotomista.

No prefácio da obra o tradutor J.M. da Cruz Pontes explica a intenção do autor: “Teve o professor Van Steenberghen a intenção, como também esclarece, de apresentar a doutrina filosófica de São Tomás, deixando de lado as várias interpretações que dela foram sendo feitas no decurso dos séculos”, p. 7. Em *Preliminares* o autor explica que exporá unicamente a filosofia de Tomás de Aquino, p. 17. Aponta algumas dificuldades, como a do fato de Tomás não ter deixado uma síntese filosófica e sua lexicografia, p. 18-19. Sobre o método diz tratar-se de “reunir as doutrinas filosóficas desenvolvidas por Tomás, nos mais diversos contextos e tentar depois a reconstituição da síntese filosófica que estas doutrinas implicam e revelam”, p. 19. Como plano propõe seguir a aparente ordem sistemática de exposição tomista, p. 20-22.

A obra divide-se em seis capítulos. O *Capítulo I, As bases do saber científico*, o autor analisa a consciência, descrevendo o processo cognitivo humano, pp. 26-28; as leis do discurso, bem como o valor do conhecimento pelo juízo, pp. 29-33. O *Capítulo II, Metafísica*, é, por assim dizer, o núcleo desta obra, onde o autor aborda o ser e as suas propriedades, pp. 37-41; os seres finitos, com destaque ao uno e ao múltiplo, a ordem e a causalidade do ser finito, pp. 37-48; o ser finito, criação e participação, analogia, os atributos positivos e negativos, pp. 48-70; as substâncias separadas, cuja análise é incluída na metafísica, seu conhecimento e operação, pp. 70-73; a ordem do universo, o seu fim, o mal, unidade e diversidade, p. 76. O *Capítulo III, Filosofia da Natureza*, o autor expõe a Física Geral, onde diz qual é o seu objeto, a descrição do mundo corpóreo enquanto individual, a mudança, a substância e o acidente, a matéria e a forma, as causas, pp. 77-88. Trata ainda da Física

Celeste e expõe acerca da ordem do universo, pp. 88-111. O *Capítulo IV, Filosofia do Homem*, em que o autor trata da doutrina antropológica tomista. Não obstante, o autor volta ao tema gnosiológico ao tratar do conhecimento humano que se inicia pelos sentidos, pp. 113-121. Considera as paixões, os apetites, a vontade e a liberdade, mas dedica muito pouco para falar da natureza da alma e do corpo humano. Fala da condição humana frente à morte, pp. 127-132. O *Capítulo V, Filosofia do agir*, o autor enfatiza a Moral Geral mediante a análise da ordem humana ao fim último, da moralidade dos atos humanos, bem como da lei natural, das virtudes e vícios, pp. 133-143. Sobre a Moral especial, fala sobre a família e a sociedade e conclui dizendo que a filosofia do agir “vê na inteligência o guia da ação moral e na contemplação intelectual o fim último da alma humana no além”, p. 147. O *Capítulo VI, Apreciação*, é a última parte da obra, onde conforme o título propõe, lança vistas ao Tomismo na filosofia do século XIII como uma intuição fundamental, pondo em evidência as suas fontes, fazendo notar a originalidade da síntese defendida por Tomás, mas também critica veemente certas doutrinas tomistas, como as cinco vias da existência de Deus, como doutrinas desvalidas de teor filosófico, pp. 157-174.

Apesar de toda sua síntese do pensamento Tomista esta não é uma obra que oferece uma boa introdução ao Tomismo. O autor – sobretudo por este último capítulo – parece decididamente ser um não-tomista. Suas aludidas apreciações soam mais como um contra-testemunho do que outra coisa. Infelizmente amplia-se ainda mais o desinteresse pela absoluta ausência de notas explicativas. Suas apreciações não motivam ao leitor a aproximar-se da doutrina do Aquinate, antes a verter-se para a filosofia pós-moderna.